1.ª serie 1 DE JANEIRO DE 1892 N.º 1

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL
REDIGIDA
NO
COLLEGIO DE S. DAMASO
EM
GUIMARÃES

SUMMARIO

Duas palavras..... *A Redacção*
Mais um combatente..... *Padre José Victorino Pinto de Carvalho*
Ninharias..... *José d'Azevedo Menezes*
A arte e o ideal christão..... *Padre Antonio Hermano*
O Jornal..... *Henrique Gomes*
Pro domo nostra (poesia)..... *A. Moreira Bello*
O outomno (poesia)..... *Rangel de Quadros*
A crença..... *J. d'Oliveira*
Notas e impressões..... *Bruno d'Almeida*

Prevenção - As pessoas que tendo recebido o 1.º n.º da «Crença & Lettras *o não devolverem*, ficam sendo consideradas como assignantes.

Aos nossos assignantes—A «Crença & Letras» que desde o segundo numero terá *32 paginas* e procurará sempre melhorar e progredir sob todos os pontos de vista, custa apenas *1$000 réis* por anno.

O pagamento será feito no principio de junho, depois de distribuido o 6.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Hermano—*Collegio de S. Damaso—Guimarães.*

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES

DUAS PALAVRAS

Apparece hoje pela primeira vez esta despretenciosa «Revista». Não se enflora com reclâmos pomposos de promessas vãs. Desadorando as frivolas exterioridades enganosas, e amando entranhadamente a sinceridade, apresenta-se desassombradamente tal qual espera ser.

O posto d'honra que toma ao lado dos seus camaradas será modesto, mas é firme. Lidará corajosamente pela Cruz a que se abraça com amor, e se um dia lhe fallecerem as forças, sobrar-lhe-ha sempre a vontade dedicada até ao sacrificio.

Mas não se limitará ás coisas religiosas; nas suas paginas, onde sempre poderá dizer-se o que se pensar, uma vez que se respeitem os inviolaveis limites da crença, *terão entrada quaesquer assumptos scientificos ou litterarios, de critica ou doutrinarios, d'educação e d'ensino.*

E se, depois de tudo, tiver feito alguma coisa que redunde em proveito da Egreja e da sociedade, julgará ter cumprido o seu dever e attingido o seu Ideal.

A Redacção.

MAIS UM COMBATENTE

Mais um combatente da boa causa apparece hoje, no campo da imprensa religiosa do nosso paiz, para advogar os interesses religiosos e sociaes, tão menoscabados pela imprensa impia e assalariada pelas seitas, com o fim de guerrearem a religião e a moralisação do povo.

Que não é de mais este combatente nas nossas fileiras, prova-o o grande numero de inimigos que, em todos os cantos do paiz, nas cidades e até já em pequenas villas, se apresentam de lança em riste e viseira levantada, agredindo rudemente a santa religião que professamos.

Uma geração de descrentes vae-se alastrando pelo paiz, de modo que não ha, póde dizer-se, logarejo por mais ignorado que seja, que não tenha o seu impiosito, prompto sempre a fazer propaganda de suas ideias subversivas, agredindo o clero, mofando das practicas religiosas, guerreando a religião por todos os modos — nos seus ministros, no seu culto, nas suas instituições, em tudo!...

E' uma conspiração geral contra tudo que é santo e justo, lançando mão de todos os meios, ainda os mais immoraes, para sustentarem a diabolica crusada, em cujas fileiras se alistaram.

A calumnia mais insidiosa, a mais atrevida deturpação dos factos, a linguagem mais violenta e agressiva, o esquecimento de todas as considerações ainda as mais triviaes, a insistencia pertinaz na calumnia, ainda depois de victoriosamente refutada—tudo põe em practica, tudo julga licito, esta horda de perseguidores, para conseguirem o fim tenebroso, a que aspiram: desterrar do coração do povo portuguez a santa crença com que foi embalado no berço, nutrido na infancia, sustentado na adolescencia, e em cujo seio carinhoso sempre encontrou consolações e linitivo aos males da vida!...

Querem roubar ao povo o poderoso sustentaculo da religião, que lhe mitiga as dôres moraes, que tantas vezes lhe

entenebrecem a existencia; que lhe dá força e coragem, para navegar no mar tempestuoso da vida, resistindo ao embate das ondas encapelladas, que ameaçam sepultal-o no abysmo. Querem roubar-lhe esse pharol luminoso que, brilhando no firmamento da sua existencia, lhe guia os passos para a eternidade feliz, onde encontrará por fim o socego e a felicidade, que não experimentou durante a sua passagem pela terra!...

E em troca d'essa crença salutar, d'essa esperança consoladora, que dão ao povo os seus falsos amigos? A descrença, a irreligião, a immoralidade, o desprezo das leis divinas e humanas, o desespero em face dos males da vida, e por fim a escuridão d'um carcere ou o suicidio, como unico remedio ás contrariedades da existencia!...

Combater pois esta crusada de iniquidade; inculcar ao povo as verdadeiras doutrinas religiosas e sociaes; apontar-lhe o unico porto, onde póde encontrar salvação nas agruras da vida; nutrir-lhe o coração de sentimentos nobres e elevados, é sem duvida uma tarefa nobilissima, que estão cumprindo já esses poucos jornaes religiosos, que ha no paiz, aos quaes vem juntar-se mais esta Revista para, ao lado d'elles, combater pela Santa Lei de Jesus Christo.

Que ella navegue em mar de rosas; que lhe enfunem sempre as velas os mais doceis e amenos fovonios—eis o desejo do seu mais humilde collaborador.

Reitor de Mancellos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

NINHARIAS

A revista *Crença e Lettras* é, como o seu titulo diz, uma obra de propaganda benefica. Os illustrados professores do collegio de S. Damaso collaborando n'ella, lembram os tempos aureos do Convento da Costa com as suas escolas academicas, frequentadas por alguns principes, descendentes

da rainha D. Mafalda, mulher d'Affonso Henriques, e piedosa fundadora d'esse monumento da fé christã.

Vem a ponto dizer que as instituições monasticas foram uma das glorias da nacionalidade portugueza. A sua historia acha-se tão intimamente ligada com a dos gloriosos feitos dos portuguezes, que não se póde honrar a memoria d'estes sem exaltar o nome dos frades, que em beneficio do seu paiz padeceram heroicamente as agruras da cruz.

As tres grandes datas da historia portugueza foram gravadas pela mão dos nossos reis nas pedras dos conventos. A's victorias d'Ourique e de Santarem, que assignalam a epocha da fundação da monarchia, corresponde o cumprimento do voto de D. Affonso Henriques, doando aos monges de Cister o grandioso mosteiro d'Alcobaça.

Depois, quando nos planos d'Aljubarrota o mestre de Aviz consolidou a independencia do sólo portuguez, cobiçado pelo castelhano, o chefe coroado d'essa dynastia, *cujo braço vencedor deu mundos novos ao mundo*, levantou em testemunho da sua fé o cenobio da *Batalha*, uma maravilha da arte!

Mais tarde, em plena renascença, quando as frotas portuguezas, por *mares nunca d'antes navegados*, abriam um sulco luminoso desde o Tejo até o Mandovy, é ainda o ideal christão que faz do Gama um heroe, e de D. Manuel o mais poderoso monarcha do seu tempo. E a data da descoberta da India fica gravada em lettras de ouro na famosa egreja e convento dos *Jeronymos* com os seus primorosos lavores de estylo manuelino, de tal modo originaes e graciosos, que, na phrase d'um eloquente orador, *parece aquelle trabalho extrahido das espumas oceanicas e amassado com o ether dos ceus.*

*

* *

Os conventos deram-nos missionarios como S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias, que mantem e alarga a preponderancia do nome portuguez no *Oriente;* Silveira que leva as luzes do evangelho aos areaes adustos da Africa oriental; Vieira o grande orador e missionario das marges do Amazo-

nas e dos Indios do Paraguay; Anchieta, Nunes, Lucena, Malagrida e tantos outros, que no Brazil, em Cantão, na Birmania, em Pekin, no Thibet, na Tartaria e na Persia, nas mais remotas paragens do globo conquistaram almas para Deus e honras para Portugal.

Não fallando dos escriptores classicos, ainda hoje, ao declinar do seculo XIX, cujas grandes descobertas deslumbram o espirito humano, a pobre e esquecida cella do monge é tambem o gabinete do sabio, collaborando nas conquistas da civilisação. Alem d'outros, são universalmente considerados luminares da sciencia os padres Sechi e Moigno. O criterio moderno repelle as falsas accusações da *Deducção chronologica*, e protesta pelo sagrado direito de associação religiosa para o individuo, que prefere a vida obscura do claustro ás ruidosas manifestações da vaidade humana.

*

* *

A falta do ideal christão na politica dominante tem-se feito sentir desastradamente. D'ahi a accumulação dos erros do liberalismo romantico e rhetorico, que tudo invade e aniquila, e pouco ou nada edifica em base solida. Um dos erros economicos de mais funestas consequencias para o paiz, foi sem duvida a extincção das ordens religiosas. O que a disciplina ecclesiastica reclamava e o bem do estado exigia, era uma reforma, vasada nos moldes do progresso moral, e não a extincção dictada tumultuariamente pelo espirito feroz dos jacobinos.

Havia, é verdade, frades de mais, e vocações religiosas de menos. Por isso a reforma dos conventos impunha-se não só ao espirito dos estadistas mas tambem ás almas piedosas, apavoradas com o rebate das liberdades modernas; acceitas alegremente em mais d'um convento, onde já se não mantinha, na sua pureza primitiva, a regra que inalteeia a pobreza do *franciscano* e a paciencia do sabio *benedictino*.

Dada uma nova remodelação aos conventos, o paiz te-

ria n'elles os melhores missionarios para a manutenção do nosso imperio colonial, escholas gratuitas de ensino agricola, de instrucção primaria e de bellas-artes.

O decreto demolidor de 28 de maio de 1834, privando o paiz d'estas vantagens, veio desvalorisar escandalosamente a propriedade dos conventos. O governo liberal sumiu nas mãos dos seus amigos e na voragem do *seu deficit* permanente o valor de *dezoito mil contos de reis.*

Hoje nem conventos nem dinheiro!

Estamos arruinados? — mas salvaram-se os principios liberaes.

Perdemos as colonias por falta de missionarios? — mas venceram os homens que tem a liberdade na bôcca e o despotismo no coração.

Lasciate ogni speranza?

Ainda não; mas é necessario combatermos esta anarchia liberal, que nos arruina e envilece, e pugnarmos pelo ideal christão na politica portugueza.

Casa do Vinhal, dezembro de 1891.

JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES.

A ARTE E O IDEAL CHRISTÃO

(EXCERPTO)

Ao calor da fé e ao impulso fecundo e incoercivel do Ideal que lhes requintava o genio, viçou essa pleiade coronal d'artistas, cujas obras inspiradas permanecerão redivivas como o supremo arrojo da arte, como a mais audaciosa objectivação da belleza e como a prova mais eloquente do poder creador do Ideal christão.

Foi este nobre Ideal que provocou o resurgimento da arte fazendo-a sobre-exceder a breve trecho, os primores correctissimos da tão decantada plastica grega; foi elle que lhe

implumou d'inspiração as azas vaporosas e a desprendeu do culto exclusivo da fórma, alando-a galhardamente para a região mais alta e mais nobre, mais formosa e mais pura, do espirito e da idéa.

Por isso, a opulentissima arte christã, ou se considere nas magas colorações da pintura, ou nos vivos perfis da estatuaria, ou na magestade por vezes sublime dos primores architetonicos, ou na enebriante e suggestiva sentimentalidade da musica, ou nas estrophes divinas da poesia, ha de esplender sempre nos fastos gloriosos da Egreja, como um dos seus recamos mais genuinos, como um dos seus brazões mais fidalgos, como uma clara prova incontradictavel de que a idéa catholica vitalisa as forças e aptidões nativas do genio.

É o christianismo que se deve a iniciação da Renascença—motor fecundo e inicial da civilisação—e o fomento da escóla Bysantina—seminario augusto da arte, que mais tarde repontou n'uma floração gentilissima de talentos poderosos.

Foi ainda o poder inspirador do divino Ideal christão que infundiu vivacidade e grandeza ao pincel genial de Giotto, de Leonardo de Vinci, e de Miguel-Angelo—o portento omnimodo, e deu a graça enebriante aos quadros immortaes de Perugino e Rafael, e poz uma assombrosa riqueza de tintas na paleta de Ticiano—o colorista; e o mimo suave nas perolas de Corregio, e a opulencia aziatica nos primores de Guido Reni. Foi ainda a prodigiosa inspiração mysteriosa da crença, que fez germinar a riquissima escóla Hespanhola, calorificando a centelha do genio nas ardentes imaginações meridionaes de Ribeira e Moraes, Velasquez e del Cano—o Miguel-Angelo hespanhol.—Foi tambem o espiritualismo christão, que produziu Murillo—o sublimado artista das Madonas, e inspirou muitas maravilhas de Rubens e Van Dyck, de Holbein e de Rembrandt.

Para se poder avaliar com justeza a enorme influição da idéa religiosa nos genios altivolos d'esses principes da pintura, para medir toda a força da sua evolução creadora e

original, seria indispensavel percorrer detidamente os mais famigerados templos da belleza, como:—o museu do Prado, a galeria do Louvre, o Belvedére, o gigantesco South-Kensington...

Ao lado da pintura religiosa, em que tantos genios levados nas azas vaporosas d'uma inspiração crystallina, objectivaram o sublime, estadêa-se com não menor esplendor a magestosa architectura christã.

Á sombra protectora da cruz, a piedade ardente e a fé viva das gerações medievaes, que, bem differentes da anarchisada geração moderna, tinham a movimental-as um ideal definido, levantou esses templos formosissimos—orações moldadas em pedra—em que tudo, casando-se symbolicamente com as verdades da fé, parece entoar o hymno sentido da prece.

Asssim foi que da fecunda inspiração christã surgiram essas cathedraes, assombros de riqueza e paciencia, em que a pedra e o marmore parece ter-se tornado ductil para se vestir de rendas delicadas e desenhos caprichosos, enflorando graciosos uma selva de linhas verticaes, que no seu fugir ascensional para o espaço parecem mal contidas pelos vinculos fataes da lei da attracção.

Quando se entra n'esses sanctuarios da religião e da arte, em meio das grandes naves desertas, á meia-luz penumbrosa coada pelos vidros coloridos das frestas em ogiva, das rosaceaes delicadas e dos agigantados zimborios altissimos, o espirito — seja elle o d'um impio — sente-se vergar aos pés do Senhor n'um extasis sincero d'estranho fervor; e aquelle mesmo silencio mystico do sanctuario parece soar-lhe aos ouvidos como uma exprobação terrivel, feita á geração nova tão leviana e tão frivola, pelas gerações crentes que dormem sob as loisas algidas do pavimento! Que severa lição n'aquella mudez!

E alli, onde tudo nos fala de Deus,—as altas columnas esbeltas, ou enfeixadas n'um abraço d'amor, symbolo da caridade que deve unir os fieis, ou isolados e sós, como musculaturas titanescas supportando as moles ingentes das abobadas e arcarias, como symbolo da luta porfiada que o ho-

mem tem de sustentar contra a violencia das paixões, — as esguias agulhas arrendadas e os altivos zimborios coloridos que parecem desprender-se do mundo como o coração dos crentes,—as lageas puidas do templo e as imagens queridas dos altares que presenciaram o nascer e o morrer de tantas gerações,—alli, longe do torvelinho do mundo, no meio d'aquellas paginas vivas d'uma epoca extincta, é o scismar na fascinadora illusão das coisas mundanas, na allucinação doida dos que se deixam ir vertiginosamente no vortilhão da vida, sem fixar jámais a região serena e transcendente do Immortal:

Collegio de S. Damaso—20—12—91.

P.e Antonio Hermano.

O JORNAL

É alevantada e sublime a missão do jornal.

Não se satisfaz propalando noticias que, muitas vezes, não passam de cabalas, chamando a campo polemicas que a miude descem ao insulto, ennegrecendo as columnas do jornal com a lama dos monturos, onde escabujam, atacando-se desesperadoramente, as rixas partidarias, os odios de classe, e mil outros vermes, que, anatomisados por um são criterio, só deixam vêr podridão. Não.

O jornal não é isso, não deve ser isso. Os horisontes do jornalista desenrolam-se, estendem-se lastissimos em regiões mais puras, porque são mais elevadas.

Educar e instruir — eis o objectivo do jornalista, eis as duas estrellas polares que sempre o devem anortear, fixando-as com tenacidade, deixando-se penetrar dos seus philtros, bebendo-lhes os dulcissimos aljofares que distilam.

A sociedade carece de instrucção, mas não menos, muito mais por certo, de educação.

Se não queremos que os vicios campeiem, como campeiam, os crimes pullulem, como pullulam, que a grangrena

do mal se alastre, contaminando tudo, instruamos e eduquemos; propaguemos as maravilhosissimas descobertas da sciencia e de envolta com ellas ministremos desassombradamente, os sanctissimos ensinamentos do Evangelho. Para isso não haja rebuços nem receios. Não nos entibie o barafustar nevrotico dos antagonistas.

Exige-o o bem da sociedade, que d'outro modo se esphacelará, minada e roida pelos herpes d'uma ignorancia pedantesca e d'uma corrupção infrene.

Ruge ao longe a tempestade que ameaça de tragar-nos? erguamo-nos impavidos. Ataca-nos de frente, horrivel em toda a sua furia? não vacillemos, resistámos, luctemos sem treguas nem desanimo, porque a victoria hade ser nossa, como apostolos do Bem, e defensores da Verdade.

Só assim—instruindo e educando, se poderá oppôr um arnez invulneravel aos botes que a imprensa impia vibra, rubra de colera por encontrar resistencia.

Só assim — instruindo e educando, se poderá soerguer a humanidade do pelago a que resvalou impulsionada pelos falsos conselhos dos espiritos tresloucados.

Não me taxem de pessimista ou hyperbolico ao fazer vêr que a sociedade desceu a um misero estado de decadencia moral, porque fallo a linguagem dos factos, que é eloquentissima e irrespondivel.

A sociedade soffre, é verdade, e muito; mas a molestia, —e sirva-nos isto ao menos de consolo e esperança — não é incuravel, não deve arrastar ao desespero, que é mal accumulado sobre males.—Ahi vae o antidoto para o veneno. Fundem-se jornaes, visando a meta que este visa — a educação e a instrucção,—porque isso é um crear motores do progresso, um fabricar alavancas propulsionadoras do bem dos povos.

Collegio de S. Dámaso 16—12—91.

HENRIQUE GOMES.

PRO DOMO NOSTRA

Infancia, encantadora edade da innocencia,
Quem te a pureza empana, é barbaro e cruel!
Se é pae e t'a arrebata, é monstro de demencia;
Se heroico a não defende, ao seu dever infiel!

«Oh! deixae, deixae vir a mim os pequeninos,
Dizia com delicia um dia o Salvador:
Que descendo do ceo para seus fins divinos,
D'elles lh'o retratava o limpido candor!

Anjos, do povo a voz lhe chama com verdade,
Pois na innocencia irmãos dos anjos são dos ceos;
E é n'elles que mais fulge a excelsa qualidade,
—Das ditas a mais alta,—a de filhos de Deus!

O rosto, que belleza! a voz, que doce encanto!
Que graça e movimento agil, vivo e gentil!
Nos mimos que meiguice! e que candura entanto
Qual aureola os envolve em resplendores mil!

Mas a alma... ah! que se alguem sem veos podesse vel-a,
Quando Deus plenamente é seu amante pae.
Quando de Christo o sangue intemerato é n'ella,
Quando o Espirito Santo a flux sobre elle cae:

De tal sorte captivo e extatico ficara
Ante essa deslumbrante, angelica visão,
Que da terra não mais as scenas supportara,
Nada senão do ceo quizera ver então!

E ha monstros que com vil halito immundo offuscam
D'essa preciosa gemma a rutilante luz,
E infames apagar nas puras almas buscam
O sello divinal de filhos de Jesus!...

Alerta, paes christãos! cerrae vossas fileiras
Para lh'o defender, brigae com firme pé!
Erguei-vos, mães christãs! e, ao medo sobranceiras,
Intacta conservae no vosso lar a fé!

Lisboa—Outubro de 1891.

A. MOREIRA BELLO.

O OUTONO

Meiga estação melancolica,
cheia de doce poesia,
em que se esquece a alegria,
vendo as folhas a cair,
em que vem ao nosso espirito
o recordar com saudade,
os tempos da mocidade,
que nós passamos a rir!...

Agora as franças das arvores
já quasi todas despidas
e que tristes e abatidas
começam de emurchecer,
são, naturalmente, o symbolo
da edade, em que se conhece,
que a vida já nos fallece:
que só nos resta o morrer.

Mas, outono triste, eu amo-te,
mesmo por essa tristura,
quando da selva a espessura
vae perdendo a verde côr.
quando os gorgeios dos passaros
já de todo se calaram:
quando já não se escutavam
sons da avena do pastor.

Agitadas pelo zephiro,
que as astes vae sacudindo,
já vão as folhas caindo,
já vão alastrando o chão!
Depois a corrente indomita,
leva essas folhas, coitadas,
que de serem desprezadas,
só tem o triste condão!

Já por noite amena e placida
não vejo a formosa lua
ostentar a imagem sua
com tanto brilho e fulgor

—Nem a sua fronte limpida
se vê por entre a ramagem,
bafejada pela aragem
inspirar cantos de amor.

Já não góso o encanto magico,
que tanto nos extasia,
na variada harmonia
do sentido rouxinol!
Nem se ostenta tão radiante,
ao romper da madrugada,
a meiga luz da alvorada,
o aureo-rubro arrebol!

A natureza apparece-nos
toda despida de gallas,
A innocente zagalla
não sorri para o pastor!...
Já não ha o doce jubilo
de ir pela tarde formosa
o lyrio colher e a rosa
e gozar do seu olôr.

Ai! outono, eu entristeço-me,
quando o teu poder impéra,
porem mais, que á primavera,
eu te amo, ó triste estação!
E's mais grata ao meu espirito,
costumado á desventura!
Casas-te mais co'a a tristura
do meu triste coração.

RANGEL DE QUADROS.

(Aveiro.)

A CRENÇA

Saudo com effusivo jubilo o apparecimento da «Crença e Lettras; pois adivinho na almejada revista, mais um soldado destemido a pugnar com desassombro a boa causa—a causa sacratissima da religião.

E nunca são de mais os lidadores da Cruz, os enaltecedores da crença, os apostolos da civilisação. De feito a crença é todo o nosso amparo n'este vae-vem doloroso da vida, n'esta derrocada moral, politica e social, n'esta bancarrota de tantos ideaes consagrados por tradições muitas vezes seculares, n'este fervilhar de ambições, n'este embate crú de tantos egoismos que se entrechocam, n'este rugir ameaçador de procellas sociaes, n'este desnorteamento intellectual e moral a que estamos assistindo dia a dia, hora a hora...

Sim, a não ser a crença, não encontro no tumultuar da vida outra auriflamma, que possa guiar-se pelos tramites da justiça ao seio puro da verdade, e desviar-nos da espiral tenebrosa, que nos leva e arrasta de roldão ao abysmo da mentira e quiçá, ao tramedal do vicio.

A humanidade tem necessidade absoluta da fé; urge que exista respeitado e temido um principio de justiça superior, uma força moral inluctavel, que se imponha vigorosamente e paute á vontade uma direcção justa. De contrario todas as agremiações humanas serão edificios architectados sobre areia e o menor vendaval da insania mental ou moral bastará para os desconjunctar. N'este ponto a historia fala demasiado alto e claro, para que se cerrem os ouvidos aos seus ensinamentos imparciaes.

Para prova practica seja bastante citar a nunca assás estudada revolução do final do seculo passado. Tiveram os demagogos a estulta valleidade de apear dos altares a imagem de Deus e de abafar nos corações a voz da religião, e d'ahi todo aquelle sangrento sudario de horriveis perversidades. Sentiu-se logo que faltava um dique forte a uma torrente impetuosa.

Demais, a incerteza é o cruciante apanagio de todos os que se desprendem dos laços bemditos da fé e da incerteza fluem como corollarios logicos, numerosos males que arrastam o espirito ao tedio da vida e a fataes desregramentos.

As mesmas sciencias exactas não dispensam uma base primaria que assente na fé.

Ao naturalista que conhece os adytos mais reconditos

da sciencia moderna e penetrou com o rigor da analyse experimental o que ha de mais intimo no Cosmos, perguntae-lhe o que é a vida na sua genese primordial e elle — o sabio —responderá com mal dissimulado enfado: — «que nos importa a nós, os sacerdotes da nova luz, os apostolos encartados da sciencia - que nos importa a essencia ou a origem ou a finalidade dos seres? A nossa sciencia esplendorosa não vae além do campo-raso dos factos; os sentidos são as lindes reaes da verdadeira sciencia. Para áquem e para além d'esse campo illuminado fica o negrume do Incognito. Só visionarios ousarão sondal-o.»

(Continúa).

J. D'OLIVEIRA.

NOTAS E IMPRESSÕES

A proposito da conferencia dos Ex.mos Prelados,—facto de altissima significação para os destinos da Egreja Portugueza, — o *Seculo* n'um pavor nevrotico, lançou ás gentes descuidosas o pregão de — alerta—dando aviso de que em S. Vicente, a Reacção tramava uma insidiosa e terrivel trama: —lançava as bases d'um *partido catholico!* Accudiram logo folhas muito graves a dizer que não, que não havia motivo para tanto pavor. Não se pensava em tal.

Pois não se nos dava que fosse verdade. A Egreja tambem deve ter politica,—a politica nobre e justa da defeza dos seus direitos, da luta pelas suas regalias. Nós que copiamos tão sofregamente e tantas vezes tão parvoamente o que vem d'além-fronteiras, porque não copiamos tambem o que lá ha de bom? Na França, na Allemanha, na Belgica, na Suissa... ha partidos catholicos fortemente organisados, e nas assembleias legislativas d'aquellas nações faz-se ouvir a voz firme e desassombrada dos athletas da Egreja.

* * *

No dia seguinte ao da morte de Mgr. Freppel, M. Floquet, presidente da camara dos deputados, dizia do illustre campião da causa religiosa, que o mundo inteiro venerava como um vulto d'excepcional grandeza: — «Senhores: a Camara já conhece a noticia dolorosa que tenho o dever de lhe communicar.

«Nas cathedraes em que elle fez ouvir orações funebres que ficarão memoraveis, o Bispo d'Angers será glorificado pela Egreja pelos seus serviços e pelas suas virtudes.

«Em nome da assembleia, dirijo uma derradeira e respeitosa saudação ao collega imminente, que deixa um grande vacuo entre os que o cercavam e que fará falta á tribuna franceza».

Foram sobradamente justas as palavras de M. Floquet, e imparciaes, pois partiam d'um adversario.

E assim cahem os grandes athletas da grande ideia catholica! Hontem Windthorst, hoje Freppel...

Ao menos deixam após si uma esteira luminosa d'exemplos fecundos, que fructicarão uma legião nova d'egregios lutadores.

* * *

Os jornaes de Paris publicam um singularissimo documento em que se trata da formação d'uma sociedade central de protesto contra a licenciosidade das ruas. Depois de descrever a desmoralisação proteiforme que campeia cynicamente em muitos bairros de Paris, o documento a que alludimos observa:

«Estas exhibições a que ninguem póde subtrahir-se, são, como disse um eloquente orador, a violação dos olhos. E' a excitação permanente á devassidão. O homem d'edade poderá precaver-se; mas a mocidade é quasi inevitavelmente victima.

.....

Levantemos pois o clamor de protesto, o clamor da honestidade e do bom senso».

Este appelo é seguido da primeira lista d'adhesões que comprehende 173 nomes de membros do Instituto, senadores, deputados, ex-ministros, altos-funccionarios, commerciantes e publicistas sem distincção de partido.

Pois estes grandes senhores que agora se assustam com a impudicicia que se assoalha desvergonhada na grande capital, foram os primeiros autores d'essa torrente de dissolução. Arrancaram da alma do povo a força moralisadora da fé, expulsaram da escóla a imagem de Deus, sanccionaram as leis mais iniquas, apostolisaram pela imprensa o desrespeito mais alvar pela religião e pelos bons costumes... e agora que já ouvem o ferver da onda turgida que desaçudaram, tremem!

Oh! Quanto isto seria ridiculo se não fosse summamente doloroso!

Collegio de S. Dámaso—27—12—91.

BRUNO D'ALMEIDA.

COLLABORADORES

DA

"CRENÇA & LETRAS"

ENTRE OUTROS, OS EX.mos SNRS:

D. Antonio d'Almeida
Padre Antonio Hermano
Padre Arthur Brandão
A. Moreira Bello
Dr. Braulio Caldas
Padre Henrique Gomes
Padre Joaquim José Soares
Padre Joaquim Machado
José d'Azevedo e Menezes
J. d'Oliveira
Conego José Maria Gomes
José Victorino Pinto de Carvalho (Reitor de Mancellos.)
Lourenço de Mattos (Prior de Collos)
Mattos Ferreira (Prior de Cintra)
Dr. Martins Sarmento
Conego dr. Pedro Sanches
Pereira da Costa
Rangel de Quadros.

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Assim evitamos difficuldades e garantimos toda a *liberdade* compativel com a indole da publicação.

Convém que estejam na redacção até ao dia 20 de cada mez os originaes destinados ao fasciculo do mez seguinte.

PORTO
Typographia de José da Silva Mendonça
11, RUA DA FABRICA, 11
1892